



A DIMENSÃO do **CUIDAR** na re-significação do espaço público

ciclo de conferências e comunicações internacionais

O *initium*. A natalidade em Hannah Arendt

“[Initium] ut esset, creatus est homo, ante quem nemo fuit”

SantoAgostinho

E tudo começou com o nascimento, facto incontornável da existência de todo e qualquer ser humano. No pensar de Hannah Arendt, o nascer tem uma importância vital, pois é a fonte de novos começos, de novas oportunidades que lançam o homem em novas teias de relações humanas, nesse estar com, nesse *inter esse*.

Nesta minha incursão pelo pensamento arendtiano vou tentar mostrar como a categoria da natalidade marcou o seu modo de pensar desde a sua primeira obra, *O Conceito de Amor em Santo Agostinho*², publicado em 1929. Embora não se possa visionar claramente essa influência, com uma leitura mais atenta já se podem apurar certos aproveitamentos posteriores pela própria Arendt. Ela vai utilizar ideias fundamentais desse seu trabalho, das quais se destaca a de natalidade, e acrescenta excertos nucleares que servem de mote ao meu trabalho.

Esta viagem por um pensamento tão original quanto o de Arendt tem de referir forçosamente a sua crítica aos regimes totalitários, que atacaram o ser humano no mais profundo do seu ser (a sua identidade) e de como a natalidade pode reforçar esse combate, para que as sementes totalitaristas não possam jamais ter tempo de brotar. Aqui, torna-se fundamental amar o próximo e não temê-lo. Por último, irei realçar o papel da natalidade e o seu contributo no que se refere às actividades do ser humano na sua condição humana.

1-A génese do conceito de natalidade nas obras arendtianas

A natalidade tornou-se uma categoria fundamental na estrutura e modo de pensar de Arendt a partir da reflexão sobre o método maiêutico de Sócrates, no qual viu a possibilidade de fazer surgir, nascer algo de novo. Este surgimento traz consigo uma riqueza e originalidade do renovar constante da sociedade pela vinda de novos seres ao mundo. Estes novos seres são novas possibilidades da humanidade repensar e compreender o seu papel de ser humano nesta casa terrena, que é de todos nós, e onde, muitas vezes, a realização ostensiva do *tirano* consegue anular a liberdade e espontaneidade dos homens.

A natalidade pode-se considerar como o “sinónimo de nascimentos tomados como componente das mudanças na população”³. Este é um conceito muito usado em termos demográficos. Contudo, o seu interesse para as ciências humanas tem sido potenciado pelos diversos problemas que tais mudanças podem trazer às diversas esferas de realização do ser humano, nomeadamente as esferas ética e política. Acrescenta-se, também, que o nascimento é um facto incontestável que tornou o ser humano visível como um ser ontológico, que existe como um ente que, para além de ser algo físico, se assume como alguém dotado de nome, com uma existência singular que o torna único.

Mas a riqueza da natalidade vai para além desta singularidade dada ao ser humano pelo nascimento, pois Arendt já na sua tese de doutoramento referia que, pelo nascimento, se “funda a igualdade de todos os

¹ ARENDT, H. , *Love and Saint Augustine*, Chicago & London, The University of Chicago Press, 1996, pág. 138. Esta citação «portanto, o homem foi criado para que houvesse um começo, e antes dele ninguém existia» de Santo Agostinho não aparece na edição de 1929, contudo sendo uma ideia nuclear implícita no pensamento arendtiano foi incluída nesta nova versão.

² No original alemão, *Der Liebesbegriff bei Augustin*, publicado em 1929 na casa editorial de Julius Springer. Esta obra é a sua dissertação de doutoramento, recheada de citações latinas e gregas. O seu orientador foi Karl Jaspers.

³ SOARES, J. A. S., “Natalidade”, in *Pólis - Enciclopédia VERBO da Sociedade e do Estado*, Vol.4, Lisboa/São Paulo, Editorial Verbo, 1986, pág.543.

homens”⁴, pois “o parentesco de todos os homens era adquirido de Adão pelo nascimento (*generacione*)”⁵. É de ressaltar, contudo, que o termo igualdade, aqui utilizado, se refere “à igualdade de todos perante a morte que, como destino comum a todos os homens, procede da condição humana ou à igualdade perante Deus”⁶. Para Arendt, o começar do ser humano está então intimamente ligado à natalidade e, segundo Patricia Bowen-Moore, passa por “três experiências humanas: natalidade factual – nascer no mundo; natalidade política – nascer na esfera da acção; e natalidade teórica – nascer no intemporal do pensamento.”⁷

Na obra *A Promessa da Política*⁸, Arendt refere que Santo Agostinho considerava o homem “um começo, um *initium*, na medida em que não existiu sempre, mas aparece pela primeira vez no mundo pelo nascimento.”⁹ Aqui denota-se a influência da natalidade e do aparecimento do homem num mundo, que lhe pré-existia e ao qual o ser humano chegava com a capacidade de iniciar novas acções, numa construção de teias humanas cada vez mais complexas e imprevisíveis.

No *Diário filosófico*, a pensadora refere também que “cada novo nascimento é como uma garantia da salvação no mundo, é como uma promessa de redenção para aqueles que já não são um começo”¹⁰, mas que podem, contudo, modificar a sua acção. Introduce-se, assim, a noção de imprevisibilidade, que remete a própria acção para um campo de actualizações constantes, de novas oportunidades de recomeçar para os seres humanos.

Arendt inspirou-se num concerto a que assistiu: o *Messias* de Handël, interpretado soberbamente pela Filarmónica de Munique. Foi então que, pela primeira vez, se deu realmente conta da importância do nascimento de um novo ser, neste *inter esse*, e referiu este facto ao seu marido, na carta que lhe dirigiu no dia 18 de Maio de 1952, dizendo que “o «Hallelujah Chorus» está a tocar nos meus ouvidos. Eu entendi pela primeira vez quão maravilhoso o «Até nós uma criança nasceu» é”¹¹.

O ser humano que chega ao mundo torna-se uma ponte entre aquilo que já existe e o novo que se dá a conhecer, onde o milagre se dá “com cada nascimento”¹² e se torna facto incontestável “da realização da condição humana da natalidade”¹³. De facto, será este consciencializar acerca da importância da chegada dos novos seres ao mundo e de como estes podem alterar a ordem dos acontecimentos, que vai marcar incontornavelmente todo o pensamento arendtiano, impregnando-o de esperança, de um renovar constante de promessas que salvaguardam a existência da humanidade.

Na sua última obra, editada postumamente, *A Vida do Espírito*, no segundo volume - *Querer*, Arendt destaca esta categoria que se tornou fundamental no seu pensamento político e refere que “a própria capacidade para começar está enraizada na natalidade e de modo algum na criatividade, não num dom mas no facto que os seres humanos, os novos homens, repetidamente aparecem no mundo em virtude do nascimento”¹⁴. É aqui reforça a ideia que o acto de aparecer e ser reconhecido pelos outros pode quebrar o isolamento a que o ser humano pode ser submetido (regimes totalitários), no esforço de destruir a sua capacidade para agir concertadamente numa esfera comum, com direito a ter direitos.

No seu *Diário filosófico*, em Abril do ano de 1951, Arendt focaliza o seu interesse na luta com os regimes totalitários realçando que “a erradicação total do homem enquanto homem é a liquidação da sua espontaneidade”¹⁵, e denota já aqui uma preocupação: que esta intenção possa passar também pela destruição da natureza, pois também ela está impregnada de espontaneidade. Daí a sua escolha da categoria da natalidade como combate aos regimes que querem abolir toda a imprevisibilidade da vida. Esta começa pelo aparecimento de novos seres, pois como ela refere, nesse mês de Abril no seu diário, “com o homem chegou ao mundo o começo. Aqui reside o divino da espontaneidade humana”,¹⁶ é no nascimento

⁴ ARENDT, H., *O Conceito de Amor em Santo Agostinho*, tradução da edição francesa, *Le Concept d’amour Chez Augustin*, por do Alberto Pereira Dinis. Lisboa, Instituto Piaget, 1997, pág.159.

⁵ Idem, ibidem, págs. 162-163.

⁶ ARENDT, H., *The Human Condition*, introdução de Margaret Canovan, Chicago & London, The University of Chicago Press, 1998, 2nded., pág.215.

⁷ BOWEN-MOORE, P., *Hannah Arendt’s Philosophy of Natality*, New York, St. Martin’s Press, 1989, 1st ed., pág.1.

⁸ ARENDT, H., *The Promise of Politics*, Edição e introdução de Jerome Kohn New York, Schocken Books, 2005.

⁹ ARENDT, H., *The Promise of Politics*, ed. Cit, pág.126.

¹⁰ ARENDT, H., *Denktagebuch, 1950 bis 1973*, München, Piper Verlag, 2002. Trad. Castelhana: *Diário filosófico-1950-1973*, Barcelona, Herder, 2006, pág.200.

¹¹ Kohler, L. (ed.), *Within Four Walls - The Correspondence Between Hannah Arendt and Heinrich Blücher- 1936-1968*, New York, Harcourt, Inc., 2000, 1st ed., pág. 175.

¹² ARENDT, H. *The Human Condition*, pág.178.

¹³ Idem, ibidem, pág. 178.

¹⁴ ARENDT, H., *The Life of the Mind*, New York and London, Harcourt Brace Jovanovich, 1981, pág. 217. Originalmente esta obra apareceu em dois volumes separados, *Thinking and Willing*, publicados postumamente por Mary McCarthy em 1978.

¹⁵ ARENDT, H., *Diário filosófico*, pág.66.

¹⁶ Idem, ibidem, pág.66.

que se encontra o milagre de um começo impregnado de imprevisibilidade.

2 - A perda da espontaneidade nos regimes totalitários

Arendt vai ligar o acto de nascer a uma espontaneidade, algo de novo que surge, que aparece, que se mostra e daí referir que os regimes totalitários, ao eliminar a espontaneidade dos seres humanos, os tornariam seres supérfluos, descartáveis como seres individuais. Por isso, também, a importância que o conceito de poder tem, no que se refere a uma pluralidade e aos perigos que desencadeia quando se encontra fechado sobre si mesmo, pois pode desencadear as atrocidades que foram cometidas pelos regimes totalitários, que retiraram a dignidade aos seres humanos, tornando-os insignificantes e desenraizados na sua condição humana. Daí o acentuar da crítica aos regimes totalitaristas que se serviam de ideologias que “nunca se interessaram no milagre da existência”¹⁷, ou seja, não respeitaram o ser humano no seu aparecimento num mundo comum partilhado, e no qual o simples existir se torna um coexistir.

Por esse motivo, Arendt refere que

o “que se opõe a qualquer pré-determinação e conhecimento do futuro é o facto de que o mundo é diariamente renovado através do nascimento e é constantemente levado para o que é imprevisivelmente novo pela espontaneidade dos recém-chegados. Só se despojarmos os recém-nascidos da sua espontaneidade, do seu direito a começarem algo novo, se tornará possível definir em termos deterministas o curso do mundo e predizê-lo.”¹⁸

De ressaltar a importância da imprevisibilidade da acção em todo o pensamento político de Arendt, pois é uma forma de a condição humana não se tornar apolítica (o que acontece na esfera privada) na esfera pública da acção humana.

Segundo Arendt, “não nascemos iguais; tornamo-nos iguais como membros de um grupo na força da nossa decisão de garantirmos mutuamente direitos iguais”¹⁹ e este aspecto torna-se deveras importante na crítica arendtiana aos sistemas totalitaristas pois estes atacavam o ser humano retirando-lhes esses direitos e a perda dos mesmos tornava-os insignificantes dentro do mundo comum onde só restariam “marionetas fantasmagóricas com rostos humanos, que se comportam todas como o cão das experiências de Pavlov, reagindo todas com perfeita segurança inclusivamente quando se dirigiam à sua própria morte, e que não fazem nada mais que reagir. Este é o verdadeiro triunfo do sistema”²⁰ totalitário, o ponto no qual o ser humano deixa de existir como identidade, onde toda a espontaneidade é destruída. Arendt questiona-se então, no mais íntimo do seu ser, como é possível viver numa sociedade com uma condição de apátrida, num sistema em que o mais elementar que é o direito a ter direitos é simplesmente sonogado ao ser humano.

Daqui decorre um sentimento profundo de desenraizamento e de desolação, que assola o ser humano no mais profundo do seu ser, que gera um sentimento de não pertença, que nega o *Amo: volo ut sis* pelo qual todo o ser humano deseja, a capacidade de outros nos amarem pelo que somos numa promessa contínua de existência.

Arendt, encontra na natalidade o acontecimento que fundamenta a humanidade, que fornece a base para que todo o indivíduo possa ser considerado dentro da esfera da humanidade, na sua condição humana. Para Arendt, o evento da natalidade é o “milagre que salva o mundo, a esfera dos assuntos humanos, da sua ruína normal e «natural» é, em última análise, o facto da natalidade, no qual a faculdade de acção se enraíza ontologicamente”²¹. E todas as actividades humanas se tornam “natalidade” na medida em que delas brota algo de novo, de inesperado. A natalidade torna-se, assim, uma categoria central no pensamento político arendtiano que fornece o princípio da acção e a remete para um facto incontornável da condição humana, pois é através do nascimento que nos tornamos singulares, únicos ontologicamente na nossa condição, para existir enquanto seres humanos que compartilham um mundo comum, construído num processo de socialização constante.

A categoria da natalidade surge pela primeira vez, no último capítulo do seu livro, *As Origens do Totalitarismo*²², quando refere que o homem foi criado para que existisse um começo, e que “este começo é

¹⁷ ARENDT, H., *The Origins of Totalitarianism*, Cleveland and New York, Meridian Books, 1966, 10th ed., pág. 469.

¹⁸ ARENDT, H., *The Promise of Politics*, pág.127.

¹⁹ ARENDT, H., *The Origins of Totalitarianism*, pág.301.

²⁰ Idem, *ibidem*, pág.455.

²¹ ARENDT, H., *The Human Condition*, Chicago, University of Chicago Press, 1958, pág.247. Edição alemã: *Vita activa oder vom tätigen Leben*, Mainz, Kohlhammer, 1960.

²² No original, *The Origins of Totalitarianism*, publicado pela primeira vez, em Nova York pela Hartcourt, Brace & Co., em 1951. Em 1958 foi publicada uma segunda edição alargada, pela Meridian Books. A edição alemã, *Elemente und Ursprünge totaler Herrschaft*, apareceu na Europäische Verlagsanstalt, em 1955. Em Londres foi editado com o título, *The Burden of Our Time*, em 1951.

garantido por cada novo nascimento; este começo é de facto constituído por cada homem.”²³

Ser-se considerada um ser humano, sem liberdade de exercer os seus direitos cívicos, e depois ter tido de suportar a sua condição de apátrida foi um duro golpe para Hannah Arendt, nascida sob o nome de Johanna, como refere Derwent May, mas que gostava simplesmente de ser chamada Hannah.

Arendt demonstrou ser uma cidadã que lutou pelos seus direitos e assumiu que, de facto, a condição de ser judia era um facto que não podia negar (desde a nascença) e, como tal, não poderia escamotear essa condição. Assumiu, assim, que teria de lutar na sua condição de judia contra o regime totalitário, que não respeita ou salvaguarda a individualidade e liberdade do ser humano.

Este regime negou, aos seres humanos, a condição de poderem sentir-se no mundo como em casa. Os seres humanos foram remetidos a uma simples natureza. Note-se a distinção que Arendt faz de natureza humana e de condição humana. Para ela, “a condição humana não é o mesmo que a natureza humana, e a soma total das actividades e das capacidades humanas que correspondem à condição humana não constituem algo que se assemelhe à natureza humana”²⁴. Esta última permanece desconhecida, pois “as condições da existência humana – a própria vida, natalidade e mortalidade, mundanidade, pluralidade e a Terra – nunca podem «explicar» o que nós somos ou responder à questão sobre o que somos, pela simples razão de que não nos condicionam absolutamente”²⁵, mas onde permanece pelo menos a liberdade de existir, de aparecer.

De realçar a importância de que o ser humano se deva sentir no mundo, não como um estranho, não como um ser remetido a uma qualidade de espécime da espécie humana, mas como alguém que vem contribuir para que novos acontecimentos no mundo se possam dar. Em *A Condição Humana*, Arendt pretende investigar as capacidades humanas que decorrem da condição de ser humano e que devem permanecer as mesmas, pois caso estas se transformem, corre-se o risco de se transformar também a própria condição humana. Por isso, Arendt teve inicialmente a intenção de chamar ao seu livro *Amor Mundi*, como forma de sublinhar que é o amor que se deve nutrir pela nossa casa comum que une, no mundo, o ser humano com os outros.

3- A influência da natalidade nas actividades do ser humano

O pensamento de H. Arendt oferece-nos um olhar sobre o mundo, que nos permite vê-lo de uma forma inovadora e singular, na qual a natalidade não deve ser vista somente sob o aspecto biológico, pois a “condição humana compreende algo mais que as condições nas quais a vida foi dada ao homem”²⁶, mas também de como o ser humano aparece aos outros desencadeando uma cadeia de reacções, iniciando algo de novo numa “abertura singularizada ao mundo”²⁷, onde se mostra e se dá a conhecer.

Arendt dá um sentido e um novo enfoque à relação do indivíduo com o mundo, mesmo aquele em que muitas vezes o cuidar dos seres humanos é esquecido, como aconteceu no fenómeno do totalitarismo. É nele que o ser humano, através da sua capacidade de aparecer, se mostra, e se consegue fazer ver e ouvir, agindo como “homem responsável e livre, que entra como tal na esfera pública”²⁸. Esta última é o local idóneo para a excelência dos seus actos, na sua condição de iniciador.

Para Arendt, esta capacidade de iniciar algo de novo acompanhou-a pelo resto da vida dos seus pensamentos. Daí merecer destaque a importância da *vita* activa, ou seja, da “vida humana”, que “na medida em que se empenha activamente em fazer algo, tem raízes permanentes num mundo de homens ou de coisas feitas pelos homens, que jamais abandona ou transcende completamente”²⁹. Neste mundo todas as actividades humanas vão estar condicionadas, pois o ser humano vive dentro de uma comunidade global, cujas “condições da existência humana são: a própria vida, natalidade e mortalidade, pluralidade, mundanidade e a terra. Os homens nascem, vivem e morrem; entram na companhia de outros, vivem com outros e partem de uma pluralidade humana”³⁰ e, por isso, “nenhuma vida humana, nem mesmo a vida do eremita na natureza selvagem, é possível sem um mundo que directa ou indirectamente certifica a presença de outros seres humanos.”³¹ O ser humano vê-se confrontado através da sua experiência com o questionamento da sua condição humana, tanto ao nível individual, como ser único e singular que age de

²³ ARENDT, H., *The Origins of Totalitarianism*, pág.479.

²⁴ ARENDT, H., *The Human Condition*, págs.9-10.

²⁵ Idem, *ibidem*, pág.11.

²⁶ ARENDT, H., *The Human Condition*, pág.9.

²⁷ ROVIELLO, A., *Senso Comum e Modernidade em Hannah Arendt*, Lisboa, Instituto Piaget, 1997, pág.20. Esta publicação foi traduzida por Bénédicte Houart /João Filipe Marques do original, *Sens Commun et Modernité chez Hannah Arendt*, de 1987.

²⁸ ARENDT, H., *Los Orígenes del Totalitarismo*, Madrid, Alianza Editorial, 2007, 1^{era} ed., pág.22.

²⁹ ARENDT, H., *The Human Condition*, pág.22.

³⁰ YOUNG-BRUEHL, E., *Hannah Arendt – For Love of the World*, New Haven and London, Yale University of Press, 1982, pág.318.

³¹ ARENDT, H., *The Human Condition*, pág.22.

forma original. Como a um nível mais alargado, quando abarca outros seres humanos que partilham o mesmo espaço e as mesmas inquietações, nomeadamente o saber-se ser e sentir finito, pois precisa de se alimentar continuamente, de dormir, de beber, ou seja, de realizar as suas necessidades fisiológicas de uma modo permanente e cíclico para se manter vivo. Este é um facto incontornável da existência, que une todos os seres humanos.

O próprio acto de dar à luz é doloroso e necessário para manter a vida. Mas a natalidade deixa de ser um acontecimento meramente físico, para passar a ser também linguístico, onde a palavra que une os seres humanos na sua espontaneidade e existência traz consigo o inesperado para a esfera da acção humana.

Numa conferência em que participou³², Arendt abordou uma questão, segundo ela aparentemente antiga, que é a de saber em que consiste a *vita activa*, ou o que é que fazemos quando estamos activos. É de referir que já tinha tentado responder a esta questão na sua obra *A Condição Humana*. Com a finalidade de compreender o que fazemos quando estamos activos, envereda pela senda da antiguidade, fazendo a distinção entre dois modos diferentes de encarar a vida: a *vita contemplativa* e a *vita activa*. Contudo, é na *vita activa*³³, enquanto alternativa que Arendt contrapõe à tradição fundada na *vita contemplativa*, que se encontram as três actividades humanas essenciais, e que são o trabalho, a obra e a acção.

De ressaltar que apesar das traduções portuguesa e espanhola da obra *A Condição Humana* terem traduzido os conceitos de “*labor – work – action*” por “labor, trabalho e acção”, eu pessoalmente prefiro a versão “trabalho, obra e acção”, pretendendo manter-me fiel à intenção de Arendt, ao analisar os conceitos de *labor* e *work* fenomenologicamente, desde as suas raízes etimológicas, uma vez que, ao longo do tempo, têm sido utilizados indistintamente.

No que se refere ao trabalho [*labor*], em grego *ponein* e em latim *laborare*, está relacionado com “ a bênção da vida como um todo, natureza, animalidade, processos biológicos, biologia (humana), corpo (humano), metabolismo (humano), fertilidade, nascimento, reprodução, parto, feminilidade, ciclicamente, circularidade, estações, necessidade, necessidades básicas (comida, roupa, abrigo), certo tipo de ferramentas, repetição, tarefas diárias (comer, limpar, remendar, lavar, cozinhar, descansar, etc.), trabalho doméstico, esfera doméstica, abundância, consumismo, privatização, regularidade sem propósito, a sociedade dos candidatos a emprego, automação, determinismo tecnológico, rotina, repetição automática, automatismo, regularização, processos não utilitários, processos que desumanizam, processos devoradores, exaustão dolorosa, desperdício, poder ser reciclado, destruição (da natureza, corpo, fertilidade), e perecimento.”³⁴

A condição humana do trabalho é a própria vida, que vai assegurar a continuidade da espécie. Esta é uma actividade remetida à esfera da necessidade. A sua duração é efémera: sendo a mais básica, é concomitantemente a mais essencial, pois sem ela, as outras actividades humanas não poderiam existir. De facto, “a vida humana, na medida em que constrói o mundo, está comprometida num constante processo de reificação; e o grau de mundanidade das coisas produzidas, cuja soma total constitui o artifício humano, depende da sua maior ou menor permanência nesse mesmo mundo.”³⁵

A actividade humana do trabalho obedece a um ciclo repetitivo tal qual a natureza, é um movimento cíclico e repetitivo onde não existe um *initium* nem um termo em si. Segundo Arendt, o trabalho é “ a mais natural e a menos mundana das actividades do homem”³⁶, num ciclo interminável de reprodução constante, onde a vida é fertilidade, onde existe dor, sofrimento e esforço por parte do *animal laborans* que está agrilhado à esfera privada das necessidades do seu corpo mortal em constante declínio, em constante consumação.

Em relação à obra [*work*], em grego *ergazesthai* e em latim *facere* ou *fabricari*, está relacionada com “ a obra das nossas mãos, o mundo feito pelo homem, fabricação, artifício (humano), criatividade (humana), produção, uso, durabilidade, objectividade, edificação, construção, manufacturação, realização, violação, masculinidade, linearidade, reificação, multiplicação, ferramentas e instrumentos, regras e medidas, fins e meios, previsibilidade, o mercado de trocas, comércio, capitalismo, processos instrumentais, processos utilitários, processos objectivadores, processos artificiais, expedientes normais, violência, destituído de valor intrínseco, degradação, dispensável, destruição (da natureza, mundo), e inanição.”³⁷

Em relação à obra ou produção [*work*], a sua condição humana será a própria mundanidade na qual os seres humanos constroem o seu mundo, interrompendo, por vezes, os processos naturais, tornando-se destruidores natos da natureza, onde o despotismo impera num afã de conseguir alcançar um domínio totalizador sobre a natureza. Este domínio será sempre imbuído de violência, fundado na ganância de um

³² Universidade de Chicago, Divinity School, Novembro de 1964.

³³ de lembrar que foi o título escolhido para a sua edição alemã.

³⁴ DIETZ, M. G., “Arendt and the Holocaust”, in *The Cambridge Companion to Hannah Arendt*, Dana Villa (ed.), Cambridge, University Press, 1ªed, pág.96.

³⁵ ARENDT, H., *The Human Condition*, pág.96.

³⁶ Idem, ibidem, pág.101.

³⁷ DIETZ, M. G., “Arendt and the Holocaust”, in *The Cambridge Companion to Hannah Arendt*, pág.97.

poder sem limites constrangedores onde a reificação é a palavra de ordem do *homo faber* que pretende dominar e destruir. Nesta actividade humana impera a previsibilidade, uma lógica de meios e fins, onde tudo é em última análise instrumentalizado pelo princípio da utilidade.

A acção [*action*], em grego *archein* e em latim *agere*, remete-nos para

“a teia de relações humanas, a esfera dos assuntos humanos, o espaço da aparência, estar juntos na presença de outros, ser visto e ouvido pelos outros, a partilha da palavra e de actos, os começos espontâneos de algo novo, pluralidade, igualdade, manter-se a unidade na diversidade, auto-revelação através do discurso, a descoberta do agente no acto, o aparecer de “quem” alguém é, a revelação activa da identidade pessoal única, a distinção de cada ser humano, coragem, audácia, estima, dignidade, *endurance*, a luz brilhante outrora chamada glória, a capacidade humana para o *poder* gerada pela acção concertada, a capacidade humana para a liberdade nascida na acção, a distintiva condição humana de viver na terra e habitar no mundo.”³⁸

Na acção humana, a sua condição humana será a pluralidade, pois é fundamental que existam outros seres humanos que partilhem o espaço público, o espaço de acção, o que não acontece no trabalho e na obra em que o ser humano pode trabalhar ou obrar em solidão, não necessita dos outros contudo seriam “ como bestas trabalhadoras ou como deuses demiurgos. Os homens não podem, por outro lado, actuar em solidão”³⁹, pelo que a pluralidade é necessária como razão de ser da acção, do espaço público por excelência, onde impera a liberdade que surge quando o ser humano dá início a uma acção (natalidade), desencadeando um processo em que mostra a essência do ser através do discurso e da persuasão.

De facto, para se falar da experiência humana, ter-se-á, incontornavelmente, de se fazer referência às condições, às actividades e ao espaço onde decorre, pois são aspectos que estão inter-relacionados entre si. De esclarecer que as suas conotações são tão diversas quanto as épocas que se abordam. Arendt referiu a época greco-romana, em que o trabalho estava remetido à esfera privada e a sua actividade era para manter as necessidades básicas, ao esforço físico no domínio do espaço privado onde se concentravam os escravos, as mulheres e as crianças. O espaço público já era uma esfera completamente diferente, era o espaço dos cidadãos livres que actuavam em paridade e exerciam a sua liberdade de expressão na *polis*, onde a alteridade assume uma importância vital, pois são reveladas iniciativas que exprimem a singularidade, a identidade na diferença.

De ressaltar a importância de que o ser humano não nasce “para morrer, mas para começar”⁴⁰. Daí a característica fundadora que acção traz consigo, pois “actuar é mostrar-se aos outros, é aparecer. O ser que se expressa através da acção fá-lo pela sua forma, a sua figura, a sua aparência. Precisa tornar-se visível.”⁴¹ A acção permite que apareça algo de novo, onde o “nascimento como a matriz de todas as acções, é a liberdade inicial que permite romper com o passado, introduzindo um princípio de descontinuidade no tempo do mundo e da história”⁴², remetendo a própria acção para a imprevisibilidade e a irreversibilidade de todo acto que desencadeia, e isto acontece também com o nascimento, que produz possibilidades de novos começos, que “introduz no mundo um ser-no-tempo.”⁴³

Este novo ser sente um desamparo que só pode ser remediado num mundo em que os seres humanos se relacionam e respeitam na sua identidade e nas suas diferenças, onde a espontaneidade deve brotar em cada acção e onde a liberdade deve ser sentida e experienciada em cada novo ser.

“No nascimento de cada homem, este começo inicial é reafirmado, pois cada nascimento representa o aparecimento de algo novo num mundo que existia antes e continuará a existir depois de cada morte individual. Porque ele é um começo, o homem pode começar; ser humano e ser livre são uma e a mesma coisa. Deus criou o homem com o intuito de introduzir no mundo a faculdade de começar: a liberdade.”⁴⁴

O evento da natalidade traz assim, consigo a noção de liberdade, onde se insere um novo começo que quebra constantemente os grilhões das ideologias instaladas e traz com os inícios alvoreceres de novidade que não deixam cristalizar o sentir humano.

Maria de Lurdes Santos

³⁸ Idem, ibidem, pág.100.

³⁹ YOUNG-BRUHEL, E., *Hannah Arendt - For Love of the World*, pág.319.

⁴⁰ ARENDT, H., *The Human Condition*, pág.246.

⁴¹ BÁRCENA, F., *Hannah Arendt: una filosofía de la natalidad*, Barcelona, Herder, 2006, pág.190.

⁴² Idem, ibidem, pág. 194.

⁴³ Ibidem, pág. 202.

⁴⁴ ARENDT, H., *Between Past and Future - Six Exercises in Political Thought*, Cleveland and New York, Meridian Books, 1965, 2nd ed., pág.167. Esta versão é publicada pela primeira vez na Viking Press em 1961. Posteriormente é-lhe adicionado mais dois artigos, “Truth and Politics”/ “Man’s Conquest of Space”, em 1968.

**A Dimensão do Cuidar na Re-significação do Espaço Público.
Com Maria de Lourdes Pintasilgo em Fundo**

Tipo de Encadernação: CD-ROM

Autor: Fernanda Henriques (Coord.)

Primeira Edição: 30 de Julho de 2010

Editor: Fundação Cuidar O Futuro.

Copyright © Fundação Cuidar O Futuro *et al.*

ISBN: 978-972-99870-2-1

Concepção e produção iPublicis!COM

ORGANIZAÇÃO



FUNDAÇÃO
CALOUSTE
GULBENKIAN

FCT
Fundação para a Ciência e a Tecnologia
SECRETARIA DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO

APOIOS



ISBN 978-972-99870-2-1



9 789729 987021 >